passada, a primeira que representou uma escolha já com as regras de 1988, essa consideração não pesou absolutamente. Acabamos elegendo um presidente que talvez tivesse uma agenda, mas que não tinha maioria, não tinha partido, não tinha, como se revelou depois, condições não só de realizar sua agenda, mas sequer de se manter no poder quando surgiram as dificuldades conhecidas." Essa análise coloca abertamente o papel que esse grupo atribui a si: organizar o consenso, o que se deu tanto em 1989 como em 1994 (como já ocorrera também no processo Constituinte de 1993, que aqui não será abordado por falta de espaço).

Trata-se de uma síntese da atuação do Fórum Nacional, o estabelecimento de relações, a ampliação do Estado, permitindo a consolidação de seu projeto. A aplicação do programa neoliberal no Brasil esbarra em embates políticos. E cada vez mais o discurso "técnico" é usado para justificar medidas que somente os conhecedores de economia são capazes de compreender em sua complexidade, mas não são todas e quaisquer medidas que podem ser tomadas nessas condições. Na medida em que a conjuntura internacional se modifica, as táticas precisam ser revistas, mas a atuação do Fórum procurar estar sempre à frente da conjuntura.

As publicações do FN expressam análises sistemáticas, projetivas, formando efetivamente uma elite de intelectuais orgânicos vinculados ao "projeto para o Brasil". Muitas dessas formulações aparecem em *Veja*, de forma simplificada, ideologizada, objetivando formar uma grande "massa de intelectuais", reprodutores e executores desse projeto de "democracia de massas".

O estudo dessas relações precisa ser aprofundado, pois faz parte de uma relação entre imprensa e poder no Brasil que apenas se aprofunda ao longo da história recente.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. "A opinião pública não existe". In: Michel J M Thiollent. *Crítica metodológica, investigação social & enquete operária*. 5ª ed. São Paulo: Polis, 1987.

CHOMSKY. Noam. *O lucro ou as pessoas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DREIFUSS, René. *A Internacional Capitalista*: estratégias e táticas do empresariado transnacional. 1918 – 1986. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.

DREIFUSS, René. *O jogo da direita*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

DRIFUSS. René. *1964*: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

GRAMSCI. Antonio. *Cadernos do cárcere*. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JOSÉ, Emiliano. *Imprensa e poder*: ligações perigosas. São Paulo: Hucitec / Salvador: Edufba, 1996.

MARX. *O Capital*. V. 1. Livro 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em 'tempo real'*: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 59.

SILVA, Carla Luciana. *Veja: o indispensável partido neoliberal. 1989 a 2002*. Doutorado em História. Tese de Doutorado, UFF, Niterói, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Para além do espelho:
os problemas das leituras do Círculo de Bakhtin

*Florence Carboni**

O presente artigo[1] pretende mostrar a dificuldade de se entender o sentido que o Círculo de Bakhtin, e mais especificamente Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov, deram a alguns conceitos que vêm sendo amplamente utilizados pela Lingüística nas últimas décadas, se forem separados da totalidade do pensamento desses autores, que se basearam em visão marxista da realidade. Para tanto, situaremos esses dois autores dentro do contexto intelectual da época em que pesquisaram e escreveram os textos que conhecemos hoje, procurando mostrar o quanto foram influenciados por esse contexto. Procuraremos igualmente ressaltar o contexto epistemológico no qual desenvolveram suas produções: o materialismo histórico.

Introdução

Nos estudos lingüísticos, as pesquisas referentes à sociolingüística são comumente relacionadas a áreas teóricas marginais em relação à Lingüística – sociologia da linguagem, filosofia da linguagem, história das línguas, dialetologia etc. Essas denominações tendem a conotar um caráter incerto, ambíguo, mais do que denotar uma natureza interdisciplinar.

Esse fenômeno deve-se evidentemente ao conteúdo referencial fortemente restrito que o termo "Lingüística" possui desde a publicação do *Curso de lingüística geral*, dominado por um objeto abstrato, a *langue*, "que existiria de modo quase natural e evoluiria segundo sua própria temporalidade" [AUROUX & ORLANDI 1998, 3] e um modelo teórico a-histórico e a-social, nos fatos, incapaz de explicar a complexidade dos fenômenos linguageiros do mundo real. Esse modelo, com suas "abstrações mutilantes" [*Ibid.*], apesar de ter sido tendencialmente superado nas últimas décadas, continua sendo justificado, porque seria a única alternativa epistemológica possível na época em que foi elaborado.

Na história das idéias lingüísticas, vemos que as descrições e teorias sobre as línguas e a linguagem verbal acabaram propondo apenas uma certa visão das comunidades lingüísticas e, de modo mais ou menos sutil, favoreceram não somente certos aspectos da vida das línguas e da linguagem verbal, mas também e, sobretudo, certos

* Doutora em Lingüística pela Université Catholique de Louvain, Bélgica. Professora do Programa de Pós Graduação em Legras da UPF e do Programa de Pós-Graduação em História da UPF. E-mail: florence@via-rs.net

[1] Agradecemos a leitura e os comentários do historiador Mário Maestri do PPGH da UPF.

setores sociais, certos falantes e certas formações discursivas, em detrimento de outros.

Além de se construir à luz de determinadas correntes de pensamento filosóficos e científicos, as reflexões sobre a linguagem verbal e as línguas contêm necessariamente a representação ideológica de seus autores a respeito das comunidades dos falantes e de seus conflitos. Nessas reflexões, já se evidencia "o germe de uma prática ulterior da qual essa representação seria um dos constituintes". [CALVET 1988, 49] Portanto, é necessário não perder de vista "sob que condições determinados saberes tornam-se hegemônicos ou legitimados superestruturalmente e passam a exercer determinadas formas de controle sobre outros". [ZANDWAIS 2005, 84]

Entre o momento em que Saussure proferiu suas aulas de Lingüística Geral na universidade de Genebra e o em que suas idéias foram publicadas no *Curso de Lingüística Geral*, servindo de base para um pensamento lingüístico hegemônico no século 20, surgiram inúmeras outras importantes teorias que procuravam explicar a complexidade dos fenômenos linguageiros, mas que permaneceram pouco conhecidas ou nas sombras. Houve igualmente uma opção clara por parte do *Curso* quanto à escolha de suas referências científicas e filosóficas, ignorando deliberadamente as diversas correntes científicas inovadoras da época.

É impossível compreender as idéias do *Círculo* formado, entre outros, por Bakhtin e Volochinov, lançando mão de construções conceptuais fortemente reduzidas por essa Lingüística estruturalista hegemônica. Assim como é impossível apreender a complexa e multifacetada visão dos fenômenos linguageiros desses intelectuais sem ter em mente as condições sócio-históricas em que ela foi elaborada e sem conhecer o aparelho teórico-filosófico no qual ela se apoiou. As páginas que seguem serão consagradas a essa tentativa.

Esse artigo parte igualmente da idéia de que o lingüista tem uma função social e política. Idéia que levou, na década de 1970-80, o sociolingüista francês Louis-Jean Calvet a declarar-se "fascinado por essa espécie de esquizofrenia que permite a Noam Chomsky ser, por um lado, na sua vida 'cidadã', um homem politicamente engajado e, por outro, na sua vida científica, um formalista renegando à língua qualquer característica social". [CALVET 1988, 10-11] Com outros intelectuais de sua época, Mikhail Bakhtin e Valentim Volochinov mantiveram-se sempre coerentes com suas idéias, na defesa de uma compreensão mais profunda das relações entre os seres humanos.

As vidas

Mikhail Bakhtin nasceu em Orel, na Rússia, em 1895. Ele graduou-se em História e Filologia na universidade de Odessa, na Ucrânia, e estudou Letras na Universidade de Petrogrado (antiga São-Petersburgo). Em 1920, o jovem Bakhtin conseguiu emprego como professor em Vitebsk, na Bielorússia, estrategicamente situada ao longo da via férrea que ligava Petrogrado a Varsóvia, "animado centro cultural, com um ativo jornal (*Iskusstvo*) e freqüentes leituras e debates". [STAM 2000, 16]

Em Vitebsk, Bakhtin relacionou-se com o pintor Marc Chagall, natural da cidade, e participou posteriormente de grupo cultural formado por diversos intelectuais, denominado *Círculo de Bakhtin*, salvo engano, em 1967, por primeira vez, nas publicações soviéticas. Do *Círculo* faziam parte vários intelectuais, entre eles, V. Volochinov e P. N. Medvedev, crítico literário e, na época, presidente do Comitê Executivo da província, que assinariam obras mais tarde atribuídas a Bakhtin. [CALVET 1977, 25]

Em 1923, em razão de doença grave (osteomielite) que, quinze anos mais tarde, levaria à amputação de uma sua perna, Bakhtin voltou a Petrogrado, agora já Leningrado. Segundo o eslavista francês Michel Aucouturier, nessa cidade, Bakhtin colaborou com o Instituto de História da Arte, cidadela da escola formalista. [BAKHTINE 1978, 9] Após a publicação, em 1929, de seu livro sobre Dostoiévski, Bakhtin foi viver e trabalhar em Kustanaï, na fronteira entre a Sibéria e o Kazakhstan, onde começou a compor uma monografia sobre o escritor e enciclopedista francês François Rabelais (*c.*1483-1553). Em 1936, foi designado para trabalhar no Instituto Pedagógico de Saransk, na Mordóvia, e em 1937, instalou-se em Kimry, perto de Moscou, onde lecionou no colégio local e participou dos trabalhos do Instituto de Literatura da Academia das Ciências da URSS.

Em 1946, Mikhail Bakhtin defendeu tese de doutorado sobre Rabelais na prestigiosa Academia das Ciências da URSS. Segundo Aucouturier, a defesa da tese teria provocado um pequeno escândalo acadêmico no Instituto de Literatura Mundial de Moscou, onde, apesar da opinião de parte da banca que desejava dar-lhe o título de doutor, obteve, após sete horas de deliberações, apenas o título de Candidato em Ciências. [BAKHTINE 1978, 9]

Entre 1945 e 1961, Bakhtin voltou a lecionar no Instituto Pedagógico de Saransk, onde, até 1961, dirigiu a seção de Literatura Russa e Estrangeira. Passou a gozar de maior notoriedade, sobretudo após a publicação de seu livro sobre Dostoiévski, em 1963, e de sua tese sobre Rabelais – *Rabelais na história do realismo* –, em 1965. Em 1969, Bakhtin instalou-se em Moscou onde escreveu em várias revistas de literatura. Bakhtin morreu em 1975, em Moscou.

Valentin Volochinov também nasceu em 1895. Vivendo em 1920 em Vitebsk, ensinou música no colégio onde Bakhtin era professor. De 1922 a 1924, estudou na Universidade de Petrogrado, no departamento de Etnolingüística da Faculdade de Ciências Sociais, fundada após a Revolução de 1917, através da fusão das faculdades dedicadas aos estudos histórico-filológicos, de línguas orientais e de Direito. A nova instituição promovia programa interdisciplinar: História, Economia, Psicologia, Lógica, Lingüística Geral e Comparada, Teoria de Literatura e Línguas Estrangeiras. O filólogo e lingüista Jakubinskij, do qual voltaremos a falar, fazia parte do corpo docente da faculdade. [IVANOVA 2003, 164]

Em 1926, Volochinov iniciou doutorado no Instituto dos Estudos Comparativos das Literaturas e das Línguas Ocidentais e Orientais – ILIaZV. O tema de sua tese foi "O problema da transmissão da palavra de outro". No instituto Volochinov teve a oportunidade de trabalhar com os lingüistas Jakubinskij e Polivanov. [*Ibid*, 165] Após o doutorado, ele ensinou no Instituto Pedagógico Herzen e, a seguir, no Instituto da Formação Superior dos Especialistas em Belas-artes.

Em 1930, Volochinov e Jakubinskij passaram a colaborar na revista *Literaturnaja učeba*, do renomado romancista russo Máximo Gorki (1868-1936), que viveu na Itália de 1921 a 1932. Próximo a Lenin e aos bolcheviques, Gorki aliaria-se a seguir a Stalin. [BROUÉ 1988, 1056] Nessa revista, Volochinov publicou a maioria de seus artigos, precisamente nos números em que Jakubinskij publicou os seus. Em 1936, Volochinov morreu em sanatório, de tuberculose, aos 41 anos de idade.

As obras

A obra do grupo de intelectuais que ficou conhecido, décadas mais tarde, como *Círculo de Bakhtin* é imensa, multifacetada nos temas e densa nas reflexões. No entanto, apesar do *mistério*, da *polêmica* e das operações ideológicas levantadas em torno da autoria das obras convencionalmente atribuídas a Mikhail Bakhtin, é possível encontrar um fio condutor nos principais textos publicados pelos membros do *Círculo* e, mais especificamente, por Volochinov e Bakhtin. Isso não somente do ponto de vista de objeto – a linguagem verbal –, mas, sobretudo, no que diz respeito ao aspecto metodológico – o marxismo.

Para alcançar uma melhor compreensão dessa obra como um todo, é necessário apreendê-la no seu contexto sócio-histórico e, mais especificamente, na corrente das reflexões sociais contemporâneas a ela. As obras do *Círculo* tratam fundamentalmente de dois temas: a *linguagem verbal* e a *teoria da literatura*. Ou, mais geralmente, da criação estética, sob o "guarda-chuva" de reflexão epistemológica mais geral, que consiste essencialmente na elaboração de uma ciência social marxista da criação ideológica.

Augusto Ponzio, lingüista, tradutor e especialista nas obras do *Círculo de Bakhtin*, afirma que, desde os anos 1920, "o trabalho de Mikhail M. Bakhtin se entrecruza com o das obras publicadas com o nome de alguns dos seus colaboradores e amigos do chamado 'Círculo de Bakhtin', a tal ponto que não pode ser nitidamente distinta daquelas, quase que confirmando sua tese sobre o caráter 'semi-outro' da 'própria palavra' e apesar dos críticos esforçarem-se para estabelecer propriedade e paternidade." [PONZIO 2003:V – traduzimos]

A lingüista e pesquisadora brasileira de origem russa Ana Zandwais é da mesma opinião. Para ela, já que "a produção intelectual de Bakhtin foi sempre acompanhada por seus camaradas Valentin Nikolaevich Volochinov e Pavel Nikolaevich Medvedev, não nos cabe reivindicar uma autoria individual, considerando, sobretudo, o fato de que Bakhtin trabalhava coletivamente com Volochinov e Medvedev à época". [ZANDWAIS 2005, 84.]

Para facilitar a busca do fio vermelho que une o pensamento dos membros do *Círculo*, seria interessante definir se os integrantes do grupo tiveram uma mesma trajetória política e ideológica e uma proximidade de interpretação da realidade ideológica e social. As respostas a essas perguntas explicariam algumas das particularidades do conjunto da obra e aparentes contradições ou imprecisões terminológicas. A seguir, procuraremos identificar o tipo de preocupação teórica dos dois principais membros do *Círculo*.

Após o artigo "Arte e responsabilidade", publicado em 1919, Bakhtin escreveu, em 1924, o ensaio "História da arte e estética geral", que deveria ter sido publicado em revista literária que interrompeu sua aparição. Em 1929, publicou o livro já citado *Os problemas da obra de Dostoiévski* e, nesse ano e no seguinte, as introduções aos volumes XI e XIII das *Obras escolhidas* de Tolstoi. Em 1934-35, editou o ensaio *Slovo v romane* [em português, "O discurso no romance"]. De 1939 a 1945, a URSS viveu envolvida pela II Guerra Mundial. Apenas concluído o conflito, Bakhtin apresentou, como vimos, sua tese de doutoramento e, em 1963, publicou o livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, edição revista e ampliada do artigo de 1929. Em 1965, foi a vez do livro *François Rabelais e a cultura popular da Idade Média e do Renascimento*, versão de *Rabelais na história do realismo*, apresentada como tese de doutorado. [PONZIO 2003, V – Traduzimos]

Destaque-se que Bakhtin praticamente escreveu e publicou, em forma ininterrupta, de 1919 a 1946, uma produção bibliográfica significativa, sobretudo considerando-se as condições materiais da época – textos manuscritos, composição tipográfica etc. – sempre no contexto de suas responsabilidades, principalmente como professor.

Por sua vez, Volochinov publicou, em 1926, o artigo "O discurso na vida e na poesia" na revista *Zvezda*.[2] Um ano mais tarde, editou o livro *O freudismo*. Em 1928, Volochinov apresentava o artigo "As mais recentes tendências do pensamento lingüístico ocidental" e, em 1929, o livro *O marxismo e a filosofia da linguagem*. Em 1930, a revista *Literaturnaja ucëba*, de M. Gorki apresentou seus artigos "Estilística literária" e "Sobre as fronteiras entre poética e lingüística". [BACHTIN 2003; ALPATOV 2003; BRANDIST 2003 – traduzimos]

Traduttore, Traditore

A obra dos intelectuais do *Círculo* passou a ser notada desde 1963, quando foi reeditado, na URSS, o livro de Bakhtin sobre a poética de Dostoiévski, publicado, como já assinalado, por primeira vez, em 1929. Dois anos mais tarde, em 1965, foi publicado *François Rabelais e a cultura popular da Idade Média e do Renascimento*, escrito em inícios dos anos 1940. Na Europa Ocidental, este livro foi conhecido na década de 1960. O livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado na URSS por primeira vez em 1929, por Volochinov, foi traduzido ao inglês apenas em 1973 e, ao francês, em 1977, portanto, mais de quarenta anos após sua aparição! Demora devida sobretudo à desatenção dos lingüistas ocidentais.

Para dificultar a compreensão da obra do *Círculo*, como lembra Carlos Alberto Faraco, nos anos 1970, "o lingüista Viatcheslav V. Ivanov, sem apresentar argumentos efetivos, afirmou que o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* tinha sido escrito por Bakhtin e não por Volochinov, atribuição de autoria que se estendeu, em seguida, aos outros textos mencionados [*Freudismo* e *O método formal nos estudos literários*] e a alguns artigos também publicados sob a assinatura de Voloshinov e Medvedev". [FARACO 2003, 13]

Há outros problemas que dificultam igualmente a apreensão da obra do *Círculo* como um todo. Inna Ageeva,[3] do Centro de Pesquisas em História e Epistemologia Comparada da Lingüística da Europa Central e Oriental (Universidade de Lausanne, Suíça) levanta alguns deles. Apoiada em Todorov, ela lembra os problemas nascidos da publicação tardia de muitas obras do Bakhtin e das más traduções. A primeira situação teria criado dois tipos de dificuldades: muitos manuscritos perderam-se ou foram publicados com omissões; coletâneas de trabalhos e traduções supostamente assinados por Bakhtin, publicados após sua morte, constituem uma mescla de textos escritos em épocas diversas, ensejando que, por exemplo, trabalhos dos anos 1920 sejam lidos através do mesmo prisma de trabalhos de 1950-60.

Faraco lembra igualmente que a obra do *Círculo* "veio vindo à luz na Rússia (sic!) sem nenhuma ordem cronológica e sua publicação levou mais de vinte anos para se completar, desde a reedição do livro sobre Dostoiévski em 1963 até a edição, em 1986, de *Para uma filosofia do ato*. Ironicamente, o primeiro dos textos mais longos escritos por Bakhtin foi o último a ser publicado!" [FARACO 2003, 16] E o mesmo teria acontecido com a chegada de sua obra no chamado Ocidente.

Para Ageeva, outras dificuldades nascem da organização interna e externa dos textos assinados por Bakhtin. Ele teria escrito muitos textos sem pensar em uma possível publicação, sem se preocupar, portanto, com uma maior clareza; sem articular suas idéias ou organizá-las em um sistema preciso. Ele também teria utilizado uma terminologia singular, às vezes ambígua e cheia de conotações. Faraco lembra que muitos dos textos publicados em coletâneas são "manuscritos inacabados, alguns apenas rascunhados". [FARACO: *Ibid.*]

Quanto às traduções das obras do *Círculo*, por um lado, elas foram feitas por profissionais que não sempre conheciam, entendiam ou respeitavam o pensamento dos autores e, não raro, a partir de outras línguas que o russo, na qual os textos foram escritos (especialmente do inglês e do francês). Por outro, mesmo os tradutores que trabalharam a partir do russo tiveram que "tomar opções gerais de tradução. Em particular, evitar a armadilha da modernização da terminologia". [SERIOT 2003, 4]

Para Sériot, no contexto científico atual, "pós-benvenistiano", é no mínimo problemático utilizar termos como *discurso*, *enunciado*, *enunciação*, *fala* etc. Na mesma ordem de idéias, Faraco lembra "a confusão que se criou com o termo *polifonia*, seja por ser ele tomado inadvertidamente como sinônimo de *heteroglossia* (ou *plurilinguismo*); seja pelo sentido que ele tem no quadro de referência do lingüista francês O. Ducrot, nem sempre claramente distinguido, entre nós, de seu sentido em Bakhtin". [FARACO 2003, 17]

As traduções sucessivas, em contextos científicos diversos, levaram a que conceitos essenciais dos escritos de Bakhtin e Volochinov – *vyskazyvanie*, *slovo*, *reč* etc. – fossem traduzidos por equivalentes por vezes surpreendentes ou fossem omitidos por tradutores preocupados em evitar repetições ou ambigüidades. Sequer o termo russo foi sempre traduzido do mesmo modo, o que cria dificuldades artificiais suplementares. *Vyskazyvanie* costuma ser traduzido como *enunciado*, mas também como *enunciação* e até mesmo como *discurso* e *texto*; *slovo* – *parole* no sentido de

[2] Esse texto encontra-se, em italiano, traduzido do russo por Luciano Ponzio, no livro organizado por Augusto Ponzio *Linguaggio e scrittura*. Há uma versão inédita em português do artigo, a partir de tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza.

[3] Essas informações foram obtidas no site da Universidade de Lausanne, www2.unil.ch/slav/ling.

palavra e de *fala* – é também encontrado traduzido por *discurso*. O texto "***Slovo** v žizni i **slovo** v poezii*" foi traduzido em italiano por Augusto Ponzio como "*La **parola** nella vita e nella poesia*" e, em português, por Carlos Alberto Faraco, como "O **discurso** na vida e o **discurso** na arte".

Por outro lado, "em especial pelo viés do discurso pedagógico (mas não apenas), houve uma banalização de termos como *diálogo*, *interação* e *gêneros do discurso*, retirados do vocabulário do *Círculo*, mas claramente despojados de sua complexidade conceitual". [FARACO 2003, 17] Craig Brandist, do *Bakhtin Centre* da Universidade de Sheffield, levanta o problema do uso por Bakhtin [Volochinov] de uma terminologia imprecisa, própria de um filósofo que não tinha conhecimento profundo de certas questões. No início dos anos 1950, após ter estudado de modo mais sistemático a lingüística contemporânea, Bakhtin teria, segundo Brandist, se tornado mais seguro no uso dessa terminologia. [BRANDIST 2003, 73]

O AMBIENTE INTELECTUAL

Sobretudo após os acontecimentos do final dos anos 1980, que ficaram conhecidos como a "Queda do Muro de Berlim", generalizou-se no chamado Ocidente uma visão redutora e simplista da história da URSS, na qual teria dominado, de outubro 1917 até a Perestroïka, em forma linear, uma constante e permanente repressão aos intelectuais que não se enquadravam ao pensamento marxista único, dogmático e autoritário oficial.

Em geral, essas leituras ideológicas, construídas à margem de um conhecimento mínimo do que seja o marxismo enquanto filosofia da práxis e método científico de conhecimento, na base de informações cronologicamente imprecisas, quando não plenamente anacrônicas, desconsideram simplesmente a complexidade e os ritmos históricos reais do processo de instalação da ditadura burocrática stalinista sobre a URSS.

Na introdução do livro *O freudismo*, afirma-se que, em 1927, quando o livro foi escrito, o "pensamento social, psicológico e filosófico na URSS já está profundamente marcado por uma ideologia que condiciona todo o comportamento social do homem exclusivamente à estrutura de classe da sociedade". [BAKHTIN 2004: XI] Essa afirmação é triplamente condenável em um contexto científico. Em 1927, não se concluíra, ainda, a dominância do stalinismo sobre o Partido Bolchevique e, muito menos, sobre a sociedade soviética como um *todo*. Por outro lado, mesmo supondo que o aparelho de Stalin tivesse se apoderado do poder político imediatamente após os acontecimentos de 1917, é pouco crível que, em tão poucos anos, já tivesse conseguido influenciar "todo o pensamento social, psicológico e filosófico" do país.

Se a afirmação da introdução ao *Freudismo* fosse pertinente, como se explicaria a efervescência cultural e científica que caracterizou a URSS, *em forma decrescente*, até inícios de 1930, nas ciências sociais, literatura, pedagogia, cinematografia, arquitetura? Até 1926, o marxista Evgenij Preobraženskij publicou suas investigações sobre a economia, explicita e diretamente opostas aos segmentos burocráticos ascendentes. [BUCHARIN & PREOBRAŽENSKIJ 1973] Entre 1924 e 1927, o cineasta Eisenstein produziu suas revolucionárias películas "A greve", "Encouraçado Potemkin" e "Outubro". Vigotsky prosseguiu investigando criativamente até sua morte, em 1934 e "perto do fim de sua vida", teria recebido "oferta para instalar e chefiar uma seção dentro do Instituto All-Union de Medicina Experimental em Moscou". [VEER & VASINER: 1996, 30]

Segundo a opinião de renomados eslavistas, após a Revolução Bolchevique de 1917 até o final da década de 1920, a "lingüística na União Soviética [...] é um universo fascinante". [SERIOT 2003, 1] Naquele ambiente científico revolucionário, ensejado pela queda do tzarismo e pelo início da construção de um Estado operário, lingüistas e críticos literários "ocuparam-se de questões muito atuais para a época e as concepções que elaboraram nos seus trabalhos foram determinadas pelo nível dos saberes de seu tempo". [IVANOVA 2003, 178 – traduzimos]

Ana Zandwais também considera necessário situar Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov a partir de um contexto político revolucionário, como "intelectuais orgânicos, responsáveis pelas condições de produção de saberes que viessem a corroborar a transformação social e a emancipação intelectual do proletariado russo". Assinala igualmente a necessidade de entender essa produção no contexto da "tensão estabelecida entre as contribuições do Círculo de Bakhtin e as 'idéias oficiais' dominantes na cultura soviética das décadas de 20 e 30". [ZANDWAIS 2005, 84-85]

Segundo Ivanova, se for analisada a situação geral das ciências da linguagem na URSS nos anos 1920, aparece claramente o quanto "essa época é caracterizada por uma grave crise da lingüística histórico-comparativa", "considerada como uma ciência abstrata, que se ocupa de um objeto muito distante da vida real". As preocupações dos filósofos da linguagem eram então ligadas principalmente à língua viva e à criatividade lingüística, que refutavam explicitamente o positivismo. Desenvolveram-se pesquisas de novos objetos para a Lingüística, mas também de novos caminhos de uma nova base metodológica, encontrada na filosofia materialista marxista. [IVANOVA 2003 176-179]

Para o lingüista francês Louis-Jean Calvet, apesar de se opor a essa corrente de pensamento, o *Círculo* "estava numa relação que poderíamos chamar de 'filiação crítica' com os formalistas" e uma prova disso seria a afirmação assinada por Medvedev: '[...] toda ciência jovem – e os estudos literários marxistas são muito jovens – deve preferir de longe um bom inimigo a um aliado ruim'", sendo que o "bom inimigo" era o formalismo. [CALVET 1977, 25 – traduzimos]

Quando tenta caracterizar a Lingüística do início do século XX, o também lingüista francês Georges Mounin (1910-1993) propõe de modo pertinente: "[...] por um lado, não podemos afirmar que a corrente neogramática está totalmente esgotada. Por outro, não podemos caracterizar a lingüística de após 1900 com uma só palavra, que atrai muitas vezes os que as descrevem: *Finalmente chegou Saussure...*" [MOUNIN 1974, 222] Ou seja, antes e na época em que Saussure apresenta suas reflexões, outros lingüistas realizavam reflexões fundamentais, na Europa Ocidental e Oriental.

Na época em que Saussure proferiu suas aulas de Lingüística Geral na universidade de Genebra e em que se publicou o *Curso de lingüística geral*, o lingüista polonês Jan Ignacy Baudouin de Courtenay (1845-1929), que trabalhou na Universidade de São-Peterburgo (Petrogrado), em 1868 e em 1900-20, já havia publicado, em 1869, artigo em que afirmava que os sons da língua exerciam função distintiva. Décadas antes das teses desenvolvidas pelo *Círculo de Praga*, Baudouin de Courtenay sustentava que era necessário distinguir uma disciplina fisiológica – que estuda os sons – de outra, psicológica – que estuda as imagens fônicas na suas funções lingüísticas. Isto contrariamente a Saussure, que distinguia apenas o som material significante. [LEPSCHY 1976, 64; MOUNIN 1983, 23, 27]

As teorias científicas de Courtenay serviram de base para o desenvolvimento da dialetologia soviética que buscava os "vínculos entre a língua, a estrutura da sociedade e a mudança das formações sociais". [BRANDIST 2003, 60 – traduzimos] Grande parte dessas pesquisas foi realizada no Instituto da Cultura da Palavra – GIRK –, fundado em Petrogrado um ano após a Revolução de 1917, entre outros, pelo já citado lingüista Jakubinskij. [IVANOVA 2003, 176] Esses estudos, nos quais participavam Polivanov e Jakubinskij, forneceram rico material às pesquisas sobre as formas de interação discursiva na literatura (como a relação entre dialetos sociais e língua nacional) e sobre as diferenças entre a linguagem literária e a linguagem quotidiana. Essas pesquisas foram desenvolvidas a seguir pelo *Círculo de Bakhtin*.

Jakubinskij foi o lingüista que mais teria influenciado Volochinov e, indiretamente, Bakhtin. Ele opunha-se a Saussure, sobretudo no que diz respeito à visão do lingüista suíço de uma massa social que receberia a língua pronta, sem ter ação sobre ela. Jakubinskij fazia notar que, se fosse assim, nenhuma política lingüística seria possível. Essa mesma posição já fora defendida pelo citado

"liberal de esquerda Baudouoin de Courtenay (de quem Jakubinskij havia sido aluno)". [ALPATOV 2003, 14 – traduzimos]

É também importante lembrar que, já em 1923, em Leningrado, Jakubinskij publicara um artigo de cem páginas intitulado "Sobre a fala[4] dialogal". Portanto, antes de Bakhtin e Volchinov, ele já considerava o diálogo uma manifestação essencial da fala quotidiana, apesar de suas idéias não terem tido seqüito na Lingüística. Segundo Ivanova, seria igualmente de Jakubinskij a idéia que o diálogo é a forma natural de existência da língua e seria a ele que Volochinov faz referência quando se refere a essa questão em *Marxismo e filosofia da linguagem*. [IVANOVA 2003, 174]

Segundo a mesma autora, Volochinov também se apoiaria "nas idéias de Jakubinskij quando ele analisa as formas diretas e indiretas da interação verbal. Além disso, Volochinov toma emprestado a Jakubinskij o termo 'resposta interna' *(vnutrenie replicirovanie)*, que ele precisa para definir a propriedade de antecipação de resposta de cada enunciado, mesmo de um monólogo". [*Ibid.*] Volochinov e Jakubinskij tinham portanto muitas idéias científicas em comum. Isto ajudado por terem estado em contato, como visto, no Instituto dos Estudos Comparativos das Literaturas e das Línguas Ocidentais e Orientais, onde Volochinov doutorou-se e Jakubinskij ensinava, e por terem publicado seus artigos na revista *Literaturnaja učeba*.

Para uma lingüística marxista

Sob o impulso social e cultural criativo da Revolução de Outubro, uma das grandes preocupações do grupo de pesquisadores do Instituto da Palavra Viva – e de outros grupos de intelectuais – era desenvolver uma lingüística marxista. Em "Para uma lingüística marxista", publicado em 1931, e em artigos publicados postumamente, Polivanov, exaluno de Baudouin de Courtenay, mostrou que, desde a época de Schleicher (1821-1869), a lingüística já seria materialista. Aquele autor apontava que a diferença essencial entre essa lingüística materialista e a lingüística marxista, a ser construída, seria que "infelizmente, até agora, a lingüística só foi uma ciência histórico-natural e não uma ciência social". [ALPATOV 2003, 10 – traduzimos]

Polivanov considerava a abordagem sociológica [marxista] necessária até mesmo no estudo das causas internas da mudança lingüística. Apesar de algumas divergências, ele era próximo do *Círculo de Praga*. Como exemplo, Alpatov cita a resenha que Polivanov fez de um livro escrito por Jakobson e menções a Polivanov na correspondência entre Jakobson e Troubetzkoy. [POLIVANOV 1968; TROUBETZKOY 1975]

A partir de 1931, os marristas[5] tornaram-se lingüistas oficiais do Estado stalinista, proibindo a seguir a publicação dos livros de Polivanov em Moscou e Leningrado. Polivanov, que propunha que o lingüista devia também ser um "político da língua", foi preso em 1937 e fuzilado em 1938. Leon Trotsky, o grande opositor à burocratização do Estado e ao stalinismo, fora expulso da URSS em 1929 e perdera a nacionalidade soviética em 1932, ano em que, sob duríssimas condições, prosseguia ainda a oposição política de esquerda ao exórdio stalinista. A vitória do nazismo na Alemanha, a partir de 1933, pondo fim às organizações operárias, facilitou sobremaneira a imposição total da ordem burocrática na URSS, onde a seguir seria liquidada a velha guarda bolchevique e marxista.

Entretanto, antes da consolidação da ditadura stalinista, entre 1930 e 1932, um grupo de lingüistas, contemporâneos de Jakubinskij e Polivanov, apesar de aceitar a idéia da língua como superestrutura, essencial no pensamento de Marr, ainda atacava de frente esse lingüista oficial, fundando o *Jazykofront*, a partir da palavra *Jazyk* (língua/linguagem). Lomtev, o principal teórico do grupo, persistiu na tentativa de construção de uma lingüística marxista até os anos 1950-60.

Como já assinalado, o grupo de Bakhtin, Volochinov e Medvedev desenvolveu a maior parte de suas atividades em Petrogrado. Apesar de ter participado nessa cidade do Instituto de História da Arte, cidadela da escola formalista, Bakhtin e seus companheiros opunham-se explicitamente a essa corrente, ao mesmo tempo em que se preocupavam em superar a problemática saussureana e evitar qualquer forma de sociologismo [marxismo] vulgar. [BAKHTINE 1978, 10 *et seq*; HOUDEBINE, 146]

O problema das interpretações

Para Augusto Ponzio, a "importância de um autor deriva da multiplicidade e da diversidade de leituras de sua obra. É esse o caso de Bakhtin. Desde que sua pesquisa emergiu após anos de silêncio, foram muitas as leituras a ele dedicadas, de perspectivas diversas. É preciso acrescentar que se trata de uma obra cujas partes foram descobertas e publicadas postumamente, aos poucos, e nem na ordem de sua composição. [...] Sua importância é tal que trouxeram uma nova luz sobre a inteira obra bakhtiniana. É preciso acrescentar também que o pensamento de Bakhtin, que, de per si, envolve diversos campos, foi transportado também para setores disciplinares dos quais ele não tinha se ocupado diretamente [...]". [PONZIO 2003, VI: traduzimos]

Nas últimas três décadas, ocorreu verdadeira explosão de estudos das obras e dos conceitos desenvolvidos pelo *Círculo de Bakhtin*, descobertos, explorados e utilizados nos mais variados domínios das ciências sociais, na filosofia, na crítica literária, na lingüística. Nessa última disciplina, a apresentação e aplicação dos conceitos "bakhtinianos" deram-se, muitas vezes, não no contexto da visão que os autores tinham da filosofia ou ciência da linguagem, mas no contexto de outros pressupostos teóricos hegemônicos.

O lingüista Jonathan Culler apresenta de modo pertinente a principal razão desse último fenômeno: "A influência de Saussure sobre a Lingüística moderna tem sido essencialmente de duas espécies. Primeiro, deu uma orientação geral, um senso das tarefas da Lingüística, que tem sido de grande influência e, na verdade, raramente questionada, por ter sido considerada por todos como a natureza mesma do próprio assunto. Para Saussure, a tarefa do lingüista era analisar uma língua como um sistema de unidades e relações; fazer Lingüística era tentar definir as unidades de uma língua, as relações entre elas, e suas regras de combinação. [...] Desde Saussure essa [definição] tornou-se, muito de perto, a definição de investigação lingüística. Não apenas a Lingüística descritiva e teórica desenvolveu-se a fim de ocupar o lugar central que Saussure lhe prescreve, mas aqueles que trabalham em lingüística histórica ou em sociolingüística são compelidos a usar adjetivos como 'histórico' para mostrar como seu trabalho se afasta da atividade central da disciplina. Alguém que desejasse discordar da concepção saussuriana da tarefa da Lingüística não o faria atacando Saussure, mas desafiando a própria idéia de Lingüística." [CULLER 1979, 68]

Muitas interpretações das idéias do *Círculo* são também invalidadas pelo preconceito e pela falta de conhecimento da URSS e do marxismo, próprios à ideologia dominante desenvolvida no chamado Ocidente, sobretudo mas não apenas a partir da Guerra Fria. Mesmo os pesquisadores mais bem dispostos em relação a essas realidades incorporam seguidamente no seu discurso preconceitos e estereótipos em relação ao contexto sócio-político soviético e ao materialismo histórico. Faraco lembra que "vários eslavistas estadunidenses, particularmente na década de 1980 (talvez ainda com efeito da Guerra Fria), e vários intelectuais russos, em especial depois do fim da URSS (talvez como efeito da reisaca pós-comunista), fizeram ingentes esforços para desvincular o Círculo de Bakhtin do marxismo". [FARACO 2003, 27]

[4] Há evidentemente uma confusão, ligada a problemas de tradução, entre os termos 'fala' e 'discurso', já que a palavra *reči* significa 'discurso' e não 'fala', no sentido de '*parole*' imposto a esse conceito por Saussure.

[5] Cf. Para uma melhor compreensão das teses de Marr, MARCELLESI, J.-B. & GARDIN, B., *Introduction à la sociolinguistique. La linguistique sociale*; BAZYLEV, V.N. « Les aurores japhétiques du XXème siècle » ; ALPATOV, V.M. « La linguistique marxiste en URSS dans les années 1920-1930».

Num procedimento totalmente anacrônico, para comprovar que, afinal, Bakhtin e Volochinov não eram tão marxistas assim, é recorrente o uso do critério do número de vez em que aparecem nas obras do *Círculo* os termos *marxismo, marxista* e conceitos considerados indispensáveis ao percurso teórico marxista, como *modos de produção, superestrutura* etc. [ALPATOV 2003, 15] Trata-se de procedimento simplista, se não simplório. O uso dessa terminologia, desenvolvida, sobretudo, para a interpretação dos fenômenos sociais, e não especificamente lingüísticos, não implica necessariamente na utilização de uma metodologia marxista e vice-versa. Parte essencial do projeto do *Círculo* foi precisamente a construção de conceitos marxistas específicos à linguagem verbal e a toda criação estética que tem como material a língua. Ou seja, a construção de uma interpretação marxista da linguagem.

A "lógica terminológica" influenciou e continua influenciando muitos autores. Após ressaltar que o marxismo não é pensamento homogêneo e monolítico possível de ser identificado com o discurso oficial do PC da URSS e ter mostrado que não "é preciso ir longe para mostrar que esses pressupostos empobrecem demais a discussão e impedem uma apreciação mais consistente da questão como um todo", Faraco afirma que, contrariamente a Voloshinov e Medvedev, que procuraram evidentemente intervir no debate de sua época voltado para uma temática marxista, "Bakhtin não vinculava seu pensamento a uma arquitetônica que se pudesse classificar de marxista". [FARACO 2003, 27]

É facilmente demonstrável a preocupação central, essencial e explícita de Bakhtin e de Volochinov em construir método de interpretação materialista da criação estética e da linguagem verbal. É também simples comprovar que os dois pesquisadores viveram e foram profundamente influenciados por um contexto político e social revolucionário, em que uma das grandes preocupações era "interpretar, à luz da Filosofia da Práxis, os princípios que deveriam reger os interesses teórico-práticos que constituiriam 'o consenso institucional' do Estado Bolchevique". [ZANDWAIS 2005, 84]

Para Ponzio, o que diferenciava Bakhtin [Volochinov] e Vigotsky de outros autores contemporâneos de orientação marxista é justamente a consciência "do caráter deficitário do marxismo em relação ao estudo da consciência, da linguagem e das formações ideológicas particulares, como a arte; e, além disso, [a] orientação de sua pesquisa no sentido da determinação da *especificidade* do objeto estudado, indo além das fórmulas genéricas, da superficial aplicação de categorias como 'estrutura', 'superestrutura', 'classe' e da conseqüente interpretação mecanicista da consciência, da linguagem e das ideologias". [PONZIO 2003: 119]

Na introdução de *O marxismo e a filosofia da linguagem*, Volochinov lamentava precisamente a inexistência de análise marxista no âmbito da filosofia da linguagem, mostrando que dessa lacuna derivaria a incapacidade desse ramo das ciências sociais de apresentar uma "análise marxista sistemática e definitiva dos problemas de base da filosofia da linguagem" que, ao seu ver, só poderia dar-se a partir de um trabalho coletivo de longo prazo, demonstrando igualmente a essencialidade, na filosofia da práxis e naquela conjuntura revolucionária, de uma visão coletivista até mesmo da construção do saber. [BAKHTINE 1977, 19 – traduzimos]

Além da indiscutível opção epistemológica e metodológica de *Marxismo e filosofia da linguagem*, e mais especificamente, de sua primeira parte, onde Volochinov esforça-se "para mostrar a importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo no seu conjunto", todos os outros escritos, em forma mais ou menos explícita e direta, constituem análises finamente materialistas, onde não raro essa opção teórica é cabalmente explicitada pelo autor. [BAKHTIN 2004, 26]

No célebre texto "*A respeito do marxismo em lingüística*", publicado no jornal *Pravda*, em 1950, Stalin reduziu a questão do marxismo na compreensão da linguagem a um raciocínio simplista: "[...] se a língua fosse uma superestrutura, ela mudaria a cada época; no entanto, ela não mudou desde a Revolução de 1917... Portanto, a língua, o que é? Uma infra-estrutura? Um instrumento de produção? Talvez, pois uma máquina é neutra, indiferente à noção de classe social." [STALIN 1950] Com essas reflexões, o *Pai dos Povos* negou premissas básicas do marxismo: o materialismo; o caráter singular e geral dos fenômenos; o caráter social e histórico das práticas humanas etc. Premissas que Bakhtin e Volochinov utilizaram constantemente, como veremos a seguir. [CALVET 1977, 145 *et seq.*]

Poética, lingüística, metalingüística

A criatividade lingüística e o problema da utilização de recursos lingueiros pelos escritores e poetas chamaram a atenção de filólogos e lingüistas soviéticos também devido às grandes mudanças que ocorreram na literatura, desde a primeira revolução russa, em 1905. Lingüistas interessados aos "problemas de forma e de composição das obras literárias e críticos literários que discutiam questões de lingüística", entre os quais encontrava-se o já mencionado Jakubinskij, fundaram duas sociedades: o Círculo Lingüístico de Moscou, em 1915, e a Sociedade pelo estudo da língua poética [OPOJAZ], em 1916, em Petrogrado. [IVANOVA 2003, 176]

Os formalistas, que ocupavam um lugar de destaque entre esses intelectuais, distinguiam a língua poética da língua prática, quotidiana. Para eles, nessa última, já automatizada, as palavras teriam perdido a imagem que continham na sua origem, tornando-se banais. Para diferenciar-se dela, a língua poética deveria respeitar alguns princípios, que esses autores procuravam elaborar. Língua poética e língua prática teriam se diferenciado igualmente em relação ao objetivo e à forma. [IVANOVA 2003, 177]

Para os formalistas, a "forma – concebida de modo muito restritivo, como forma que organiza o material fazendo dele um objeto unitário, finito – torna-se o objeto principal, quase exclusivo da pesquisa", pois ela organiza a obra poética. "Portanto, a *fala* não é considerada um fenômeno sociológico, mas é analisada segundo uma perspectiva abstratamente lingüística do mesmo ponto de vista segundo o qual o 'objetivismo abstrato' considera a linguagem". [BACHTIN 2003, 38; PONZIO 2003, 18]

No ensaio de 1926, "O discurso na vida e o discurso na arte", Volochinov procurava compreender "a forma do enunciado poético enquanto forma particular de interação estética que se realiza no material constituído pela fala", mostrando a necessidade da análise da linguagem quotidiana, já que nela já estão postas as bases e as potencialidades da futura forma artística. [BACHTIN 2003, 40] Ponzio lembra que, apesar de Bakthin preconizar "a necessidade de basear a análise das obras literárias na 'filosofia da linguagem', [ele] afirma que a poética teórica não pode se dissolver ou encontrar fundamento nem na lingüística do 'objetivismo abstrato', nem na filosofia da linguagem segundo a tendência 'individualística-subjetivista'". [PONZIO 2003, 19 – traduzimos]

Ponzio sugere que a "recíproca delimitação de poética e lingüística é reafirmada em Medvedev 1928 ['O método formal na ciência da literatura. Introdução crítica a uma poética sociológica'], em Volochinov 1930 ['As fronteiras entre poética e lingüística'] e fundamenta a distinção que Bakhtin apresenta em *Dostoiévski* entre lingüística e 'metalingüística' (esta última entendida como superação do ponto de vista da lingüística)". [*Ibid.*]

Totalidade e historicidade

Para Georg Lukacs, não "é a predominância dos motivos econômicos na explicação da história que distingue de modo decisivo o marxismo da ciência burguesa". Efetivamente, para o célebre filósofo marxista húngaro, a grande distinção entre as visões de mundo marxista e burguesa é a categoria de totalidade. [SEBAG 1964, 57] A mesma concepção que se encontra na base de toda a reflexão de Bakhtin e Volochinov.

Em "O discurso na vida e o discurso na arte", ao referir-se à poética teórica – conjunto de problemas relacionados à forma artística e a seus

vários fatores, estilo etc. –, Volochinov denuncia marxistas que consideram o método sociológico legítimo somente no momento em que "a forma poética adquiriu complexidade através do fator ideológico (o conteúdo) e começa a se desenvolver historicamente nas condições da realidade social externa". Ou seja, que esse método seria "inútil e inoperante para a análise da forma em si", a qual possuiria "sua própria natureza e um conjunto de leis de caráter não sociológico mas especificamente artístico". [BACHTIN 2003, 34 – traduzimos]

Para Volochinov, tal concepção "contradiz fundamentalmente as bases primeiras do método marxista – seu monismo e sua historicidade. A conseqüência disso e de pontos de vistas similares é que forma e conteúdo, teoria e história, são deixados separados". Volochinov propõe que toda obra artística e, portanto, toda obra literária, sendo produto da atividade ideológica, desenvolve-se na sociedade, pela sociedade, sendo intrínseca e imanentemente sociológica. [*Ibid.*]

No prólogo do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volochinov também expressa sua preocupação pela não-existência de descrição da realidade específica dos problemas ideológicos e pela não-valorização do papel da língua, enquanto realidade material específica da criação ideológica. [BAKHTIN 2004, 25] Devido a sua preocupação com a totalidade, Volochinov aborda o problema do signo a partir da visão da existência de uma "estreita relação de implicação recíproca, de interdependência, entre teoria dos signos e teoria da ideologia". [BACHTIN 2003, 8 – traduzimos]

No primeiro capítulo de *Estética e teoria do romance*, Bakhtin reitera igualmente sua visão da impossibilidade de edificar-se a ciência de qualquer arte independentemente do conhecimento e da definição sistemática do caráter próprio do domínio estético na unidade da cultura humana. [BAKHTINE 1978, 26]

O MATERIALISMO

Bakhtin, Volochinov e Vigotsky afirmaram constantemente a necessidade de uma abordagem materialista-dialética em psicologia, para colher a natureza especificamente histórico-social dos processos psíquicos humanos. Eles opunham-se à concepção que via os fenômenos psíquicos como estados simplesmente subjetivos, cuja análise se desse apenas através da introspecção. "A mesma tarefa tinha que ser enfrentada evidentemente também no campo do estudo das ideologias, da linguagem verbal e dos signos humanos em geral." [PONZIO 2003: 121]

Ponzio também lembra que "a primeira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* e de *O método formal na ciência da literatura* abordam questões desse tipo, sobretudo em relação à teoria geral das ideologias, evidenciando o caráter mediato da relação estrutura-superestrutura [...] tomando posição contra a redução da vida psíquica social a algo secundário, derivante da vida individual, vista como pressuposto incondicionado." [*Ibid.*]

A visão de Volochinov do modo de produção da linguagem verbal é também esclarecedora: "As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala." [BAKHTIN 2004, 38]

Bakhtin evidencia a concepção epistemológica marxista dos membros do *Círculo*: "A 'consciência lingüística' real, saturada de ideologia, que participa de uma plurivocalidade e de um plurilingüismo autênticos, escapava à vista dos pesquisadores. É essa mesma orientação para a unidade que os obrigava a não levar em conta todos os gêneros verbais (familiares, retóricos, literários), portadores das tendências descentralizantes da vida da linguagem ou, em todo caso, que participam de modo substancial do polilingüismo. A expressão dessa consciência da pluralidade e da diversidade das linguagens nas formas e nas manifestações particulares da vida verbal permaneceu sem efeitos notáveis nos trabalhos da lingüística e da estilística." [BAKHTINE 1978, 98 – traduzimos]

Mas é sobretudo na abordagem do problema do signo lingüístico que a opção teórico-metodológica de Volochinov, e indiretamente também de Bakhtin, que retomou as idéias de Volochinov sobre a linguagem verbal para desenvolver suas teorias a respeito da linguagem literária, adquire singular claridade. Na teoria dos signos de Volochinov, é clara a premissa central do materialismo: "[...] a humanidade até hoje conheceu apenas um importantíssimo motor da história social: a luta de classe." [*Ibid*, 153 – traduzimos] A posição epistemológica de Volochinov em relação ao signo lingüístico vai além e é bem mais profunda do que a afirmação feita por ele em *Marxismo e filosofia da linguagem*, banalizada, esvaziada de seu sentido e repetida *ad nauseam* em cursos de lingüística geral, de que o signo lingüístico é a arena onde se defrontam acentos sociais contraditórios.

Para Volochinov, essa afirmação tem profundas implicações teórico-metodológicas: ela significa que "num signo se refletem e se manifestam relações de classes diferentes", que todo "falante pertence a uma *classe*, tem uma *profissão*, um certo grau de *desenvolvimento cultural*. [...] Graças a essas condições, a essas forças ('fatores') que organizam seja o conteúdo seja a forma das enunciações, as palavras do falante são sempre permeadas de opiniões, de idéias, de avaliações que, em última análise, são inevitavelmente condicionadas pelas *relações de classe*." [*Ibid.*]

É grande o cuidado de Volochinov ao manejar o instrumental teórico materialista, para não cair na armadilha mecanicista e positivista que tanto criticou: "[...] apesar das palavras, ao refletir a realidade objetiva, refletirem junto com essa também uma visão socialmente determinada dessa realidade, não se pode pôr um sinal de completa identidade entre o significado objetivo, objetual da palavra, e o ponto de vista expresso nela." Num outro trecho, o mesmo autor afirma que, apesar de que cada "indivíduo humano conhece a realidade de um determinado ponto de vista (...), um ponto de vista não representa um resultado pessoal do sujeito conhecedor, mas é o ponto de vista da classe à qual esse sujeito pertence" e, conseqüentemente, "a objetividade e a exaustividade de um ponto de vista (a medida da correspondência da palavra com a realidade) são condicionadas pela posição dessa classe na produção social". [*Ibid*, 156]

No entanto, "aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente". [BAKHTIN 2004, 47]

Contrariando a opinião generalizada de que, diferentemente de Volochinov, Bakhtin "não teria vinculado seu pensamento a uma arquitetônica que se pudesse classificar de marxista", é clara nos escritos do autor sua proximidade teórico-metodológica a Volochinov, cujas idéias lingüísticas o influenciaram sobremaneira. [FARAÇO 2003, 28] Brandist afirma que, quando, em 1930-6, Bakhtin encontrava-se em Koustanaï, na fronteira entre a Sibéria e o Kazakhstan, ele dependia dos trabalhos dos lingüistas do Instituto da Cultura da Fala de Leningrado e da revista *Literaturnaja učeba* (na qual Volochinov escrevia), já que "não beneficiava mais da contribuição de Volochinov para suas idéias sobre a língua". [BACHTIN 2003, 40; BRANDIST 2003, 61 – traduzimos]

É possível que Bakhtin tenha construído sua teoria do discurso literário apoiado na leitura materialista de Volochinov da linguagem verbal. Para o primeiro, um "enunciado vivo, significativamente surgido num momento histórico e num meio social determinados, não pode não tocar milhares de fios dialógicos vivos, entrelaçados pela consciência sócio-ideológica ao redor do objeto de tal enunciado e de participar ativamente ao diálogo social". É também consoante com a teoria do signo de Volochinov a afirmação de Bakhtin de que "todas as linguagens do plurilingüismo, não importando o modo como são individualizados, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua interpretação verbal, perspectivas objetais semânticas e axiológicas". [BAKHTINE 1978, 85 e 113 – traduzimos]

Na obra *Estética e teoria do romance*, Bakhtin afirma que a "fala esquece a história da concepção verbal contraditória de seu objeto e o presente também plurilíngüe dessa concepção. Para o artista-prosador, ao contrário, o objeto revela, antes de mais nada, o caráter multiforme, social e plurilíngüe de suas palavras, definições e apreciações. No lugar da plenitude inesgotável do próprio objeto, o prosador descobre uma multidão de caminhos, estradas, ruelas, que sua consciência social imprimiu nele. Junto com as contradições internas no próprio objeto, o prosador descobre ao redor dele linguagens sociais diversificadas, essa confusão de Babel que se manifesta em redor de cada objeto; a dialética do objeto entrelaça-se ao diálogo social do seu entorno". [BAKHTINE 1978, 101-102 – traduzimos]

BIBLIOGRAFIA

ALPATOV, Vladimir M. "La linguistique marxiste en URSS dans les années 1920-1930". In SERIOT, P. (org.). *Le discours sur la langue em URSS à l'époque stalinienne (épistémologie, philosophie, idéologie)*. Cahiers de l'ILSL, n. 14, 2003, p . 5-22.

AUROUX, Silvain. & ORLANDI, Eni P. "Introduction". In AUROUX, ORLANDI & MAZIERE (orgs.) *L'hyperlangue bésilienne*. LANGAGES, n.130, jun. 1998, p. 3-7.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTINE, Mikhail. *Le marxisme et la philosophie du langage*: essai d'application de la méthode sciologique en linguistique. Paris: Minuit, 1977.

BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BACHTIN, Michail M. *Linguaggio e scrittura*. Roma: Meltemi, 2003.

BACHTIN, Michail. *Dostoevskij*. Poetica e stilistica. Torino: Einaudi, 2004.

BACHTIN, Michail. *L'opera di Rabelais e la cultura popolare*. Riso, carnevale e festa nella tradizione medievale e rinascimentale. Torino: Einaudi, 1999.

BAKHTINE, Mikhail. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1999.

BAZYLEV, V. N. « Les aurores japhétiques du XXème siècle ». In SERIOT, Patrick (org.) *Le discours sur la langue en URSS à l'époque stalinienne (épistémologie, philosophie, idéologie)*. Lausanne: Cahiers de l'ILSL, n° 14, 2003, p. 23-43.

BROUÉ, Pierre. *Trotsky*. Paris: Fayard, 1988.

BUCHARIN, Nikolaj & Evgenij A. Preobraženskij. *L'accumulazione socialista*. Roma: Editori Riuniti, 1973.

CALVET, Louis-Jean (présentation de). *Marxisme et linguistique*. Paris: Payot, 1977.

CALVET, Louis-Jean. *Linguistique et colonialisme*. Paris: Payot, 1988.

CULLER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.

EMERSON, Caryl. *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo*: As idéias lingüística do círculo de Bakhtin. São Paulo: Criar Edições, 2003.

HOUDEBINE, Jean-Louis. *Langage et marxisme*. Paris: Klincksieck, 1977.

LEPSCHY, Giulio. *La linguistique structurale*. Paris: Payot, 1976.

MARCELLESI, Jean-Baptiste & Bernard GARDIN. *Introduction à la sociolinguistique*. La linguistique sociale. Paris: Larousse, 1974.

MOUNIN, Georges. *Histoire de la linguistique des origines au XX° siècle*. Paris: Presses universitaires de France, 1974.

MOUNIN, Georges. *Storia della linguistica del XX secolo*. Milano: Feltrinelli, 1983.

PONZIO, Augusto. *Tra semiotica e letteratura. Introduzione di Michail Bachtin*. Milano: Bompiani, 2003.

SEBAG, Lucien. *Marxisme et structuralisme*. Paris: Payot, 1964.

SERIOT, Patrick (org.). *Le discours sur la langue em URSS à l'époque stalinienne (épistémologie, philosophie, idéologie)*. Cahiers de l'ILSL, n. 14, 2003.

STAM, Robert. *Bakhtin. Da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2000.

VAN DER VEER, René & VALSINER, Jaan. *Vigotsky. Uma síntese*. São Paulo: Loyola, 1996.

ZANDWAIS, Ana (org.). *Mikhail Bakhtin*. Contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.

ZANDWAIS, Ana. "Relações entre a filosofia da práxis e a filosofia da linguagem sob a ótica de Mikhail Bakhtin: um discurso fundador". In ZANDWAIS, Ana (org.). *Mikhail Bakhtin*. Contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005, p. 83-100.

Graciliano Ramos: modernista engajado

*Marisa Schincariol de Mello**

Graciliano se insere nesse contexto político e cultural da década de 1930, assumindo uma postura crítica, identificada com as perspectivas da ANL. Essa identificação não se resumiu a um posicionamento político, interferindo na sua atividade criadora: *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*. Dessa maneira tem como referência uma leitura crítica da década de 1930.

Em 1928, Graciliano Ramos foi prefeito de Palmeira dos Índios, cidade do interior alagoano. Os relatórios que produziu sobre sua gestão, dirigidos ao Governador de Alagoas, Álvaro Paes, foram responsáveis pelo início do seu reconhecimento público enquanto escritor. Isso se deve ao caráter literário que impôs ao conteúdo abordado.

O primeiro relatório se inicia com uma breve avaliação de sua gestão: "Não sei se a administração do Município é boa ou ruim. Talvez pudesse ser pior."[1] Em seguida, adverte o governador que os trabalhos realizados pela prefeitura não foram muitos, devido aos recursos exíguos. O contrato que a cidade havia feito em 1920 com a empresa de luz, na visão de Graciliano, parece ter causado prejuízos financeiros, e, por conta do mau negócio, afirma que até mesmo a luz da lua estava sendo paga. "Apesar de ser negócio referente à claridade, julgo que assinaram aquilo às escuras." Outros assuntos que estão presentes são a pobreza e a seca do interior do nordeste brasileiro: "O Município é pobre e demasiado grande para a população que tem, reduzida por causa das secas continuadas."[2]

A prestação de contas do prefeito foi publicada no *Diário Oficial*. Devido ao estilo inusitado, vários periódicos alagoanos, entre eles o *Jornal de Alagoas*, *O Semeador* e o *Correio da Pedra*, o transcreveram. Com a repercussão, até mesmo jornais do Rio de Janeiro, como o *Jornal do Brasil* e *A Esquerda*, dirigido por Pedro Motta Lima, publicariam trechos.

No segundo Relatório,[3] Graciliano afirma que a cidade estava necessitada de um novo cemitério, e que os trabalhos necessários aos vivos foram o motivo de prorrogação da obra. "Os mortos esperarão mais algum tempo. São os

* Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense, em 2005, com dissertação intitulada *Graciliano Ramos: criação literária e projeto político (1930-1953)*.

[1] RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 184.

[2] Idem, p. 187.

[3] Idem, p. 197-207.